

## A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO *IR* DE MOVIMENTO EM SALVADOR E NO RIO DE JANEIRO

### THE VARIABLE REGENCY OF VERB *IR* OF MOVEMENT IN SALVADOR AND IN RIO DE JANEIRO \*

Hilmara Moura de Jesus <sup>1</sup>  
 Josane Moreira de Oliveira <sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a regência variável do verbo *ir* de movimento a partir de dados de falantes do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) das cidades de Salvador e Rio de Janeiro das décadas de 1970 e 1990. O eixo metodológico que norteia esta pesquisa é a Sociolinguística Quantitativa, conhecida, ainda, como Teoria da Variação, como proposta por Labov (2008 [1972]). O presente estudo é direcionado para descrever o fenômeno da variação que envolve as preposições *a*, *para*, *em* e *até* introduzidas pelo verbo *ir* de movimento e para analisar os fatores condicionantes (linguísticos e sociolinguísticos) do uso dessas preposições. De um total de 739 ocorrências, observamos que a variante *a*, nas amostras, é a forma preferida com 384 ocorrências (52,1%), seguida das preposições *para* com 219 (29,6%), *em* com 91 (12,3%) e *até* com 45 (6,0%). Para a análise quantitativa dos dados, a variável dependente foi estruturada em termos binários, considerando as ocorrências com *a* e *para*. Com o descarte das preposições *em* e *até*, a base de dados passou a ser de 603 ocorrências, sendo 384 da preposição *a*, o que corresponde a 63,7% do total e 219 da preposição *para*, o que corresponde a 36,3% do total. No plano do encaixamento na estrutura linguística e social, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes as variáveis *Permanência no local*, *Configuração do nome locativo*, *Configuração do espaço*, *Pessoa do discurso* e *Faixa etária*. Pode-se dizer que prevalece nas amostras analisadas a variante padrão *a* e que o presente estudo contribuirá para os estudos linguísticos desenvolvidos no campo da Sociolinguística Variacionista do português brasileiro, em especial para as discussões sobre o fenômeno de variação que envolve as preposições *a* e *para* acompanhadas pelo verbo *ir* de movimento, lançando novas questões sobre tal fenômeno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística. Variação. Preposições *a/para/em/até*. Verbo *ir* de movimento. Projeto NURC Salvador e Rio de Janeiro.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the variable regency of verb *ir* of movement based on data from speakers of the NURC Project (Norma Urbana Culta) in the cities of Salvador and Rio de Janeiro in the 1970s and 1990s. The methodological axis that guides this research is Quantitative Sociolinguistics, also known as Variation Theory, as proposed by Labov (2008 [1972]). This study aims to describe the phenomenon of variation involving the prepositions *a*, *para*, *em* and *até* introduced by the verb *ir* of movement and to analyze the conditioning factors (linguistic and sociolinguistic) of the use of these prepositions. From a total of 739 occurrences, we observed that the variant *a*, in the samples, is the preferred form with 384 occurrences (52,1%), followed by the prepositions *para* with 219 (29,6%), *em* with 91 (12,3%) and *até* with 45 (6,0%). For the quantitative analysis of the data, the dependent variable was structured in binary terms, considering the occurrences with *a* and *para*. With the exclusion of the prepositions *em* and *até*, the database now has 603 occurrences, 384 of which are of the preposition *a*, which corresponds to 63.7% of the total, and 219 of the preposition *para*, which corresponds to 36.3% of the total. In terms of fitting into the linguistic and social structure, GoldVarb X selected the following variables as statistically relevant: *Permanence in place*, *Configuration of the locative name*, *Configuration of space*, *Person of speech and Age group*. It can be said that the standard variant *a* prevails in the samples analyzed and that the present study will contribute to linguistic studies developed in the field of Variationist Sociolinguistics of Brazilian Portuguese, especially to discussions on the phenomenon of variation involving the prepositions *a* e *para* accompanied by verb *ir* of movement, raising new questions about this phenomenon.

\* Data de Submissão: 03.09.2025 – Data de Aceite: 09.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.76088

<sup>1</sup> Doutoranda (Letras e Artes) – Universidade Federal da Bahia – Contato:

[hilmaramoura34@gmail.com](mailto:hilmaramoura34@gmail.com) | Orcid:

<https://orcid.org/0009-0008-0309-7449>

<sup>2</sup> Professor/Doutor (Letras e Artes)

– Universidade Estadual de Feira de Santana –

Contato: [josanemoreira@hotmail.com](mailto:josanemoreira@hotmail.com) | Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-9661-1804>

**KEYWORDS:** Sociolinguistics. Variation. Prepositions *a/para/em/até*. Verb *ir* of movement. NURC Project Salvador and Rio de Janeiro.

## 1 Considerações iniciais

A regência verbal, na tradição gramatical, é definida como a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, em que uma atua como regente e a outra como regida, funcionando como seu complemento. No tratamento normativo desse fenômeno, a regência costuma ser apresentada por meio de listas de verbos e preposições, com pouca ou nenhuma problematização do funcionamento efetivo da língua em uso. Predomina, assim, uma abordagem prescritiva, que estabelece padrões de correção e classifica determinados usos como inadequados ou desviantes. Nesse quadro, são frequentemente estigmatizados usos como o emprego da preposição *em* com os verbos *ir* e *chegar*, exemplificados em construções como “*ir em Salvador*” e “*chegar em Salvador*”.

Em contraste com essa perspectiva normativa, estudos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística Variacionista têm demonstrado que a escolha das preposições que regem verbos no português brasileiro não é aleatória, mas condicionada por fatores linguísticos, semânticos, discursivos e sociolinguísticos. Diversas pesquisas apontam para um processo de mudança em curso no sistema prepositivo da língua, marcado pelo desuso da preposição *a* e pela expansão das preposições *para* e *em*. Esse comportamento já foi amplamente documentado com verbos dativos, tanto em dados de língua falada (Gomes, 2003) quanto de língua escrita (Guedes; Berlinck, 2003), bem como com verbos de movimento (Vieira, 2009; Assis, 2011; Wiedemer, 2013). No que se refere especificamente ao verbo *ir*, estudos como os de Mollica (1996a, 1996b), Ribeiro (1996), Vallo (2003), Wiedemer (2008) e Jesus (2011) evidenciam a existência de variação sistemática na seleção preposicional.

Apesar do avanço dessas investigações, observa-se que a maior parte dos estudos se concentra em variedades populares da língua ou em recortes sincrônicos específicos, havendo ainda menor atenção à análise da regência variável do verbo *ir* em dados representativos da norma urbana culta e à observação desse fenômeno sob uma perspectiva comparativa no tempo. Tal lacuna limita a compreensão do papel da norma culta na dinâmica da variação e da mudança linguística, frequentemente tomada como espaço de conservação de formas prestigiadas.

É nesse contexto que se insere o presente estudo, cujo objetivo é analisar a regência variável do verbo *ir* de movimento em 603 dados de 74 falantes da norma urbana culta das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, a partir dos corpora do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (Projeto NURC), referentes às décadas de 1970 e 1990. Ancorada na Sociolinguística Quantitativa proposta por Labov (2008[1972]), esta pesquisa busca verificar se, mesmo entre falantes cultos, há variação na escolha das preposições que acompanham esse verbo, bem como identificar os fatores linguísticos e sociolinguísticos que condicionam tal variação. Parte-se da hipótese de que as preposições *para* e *em* apresentariam maior produtividade em detrimento da preposição *a*, acompanhando tendências apontadas em estudos anteriores.

Além desta introdução, o artigo organiza-se da seguinte forma: na seção seguinte, apresenta-se a contextualização teórica do fenômeno investigado; posteriormente, descreve-se a metodologia adotada; em seguida, procede-se à análise dos dados, com a discussão dos fatores selecionados pelo programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005); por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências que fundamentam o estudo.

## 2 Contextualizando o fenômeno

O estudo da regência variável dos verbos de movimento vem comprovando o uso predominante das preposições *para* e *em*, em detrimento da preposição *a*, no vernáculo de informantes do português popular, afetando, também, os falantes da norma culta.

Mollica (1996), em sua análise sobre o verbo *ir*, estabelece parâmetros para o uso diferenciado das preposições *a*, *para* e *em* (sendo que *a* e *para* são consideradas padrão, aquela mais que esta, e a preposição *em* a não-padrão): configuração do espaço [+ fechado] [-fechado], grau de definitude: presença/ausência de determinante de N e [+ definido] [-definido], [+permanência] [-permanência], além dos fatores sociais. A autora conclui que “enquanto *a/para* enfatizam a ideia de movimento do verbo, com sutil diferença entre elas (*para* ainda pode conter o traço [+permanência], a forma *em* reforça o traço de “definitude do referente locativo”, tendendo a emergir quando este é [+definido] e/ou [+fechado] (...). As variantes distribuem-se hierarquicamente mesmo entre as formas padrão, onde *a* é considerada mais padrão que *para* (MOLLICA, 1996:165).

Ribeiro (1996) analisa a regência do verbo *ir* de predicação incompleta utilizando dados de fala do Projeto NURC - Rio de Janeiro. Os resultados gerais mostraram que dos 734 dados, *a/para* obteve frequência de 86% e *em*, 14%.

Gomes (2003) encontrou no dialeto carioca a alternância de *a/para* além da variante zero ( $\emptyset$ ) com verbos dativos, mostrando uma tendência à substituição da preposição *a* pela preposição *para*.

Guedes e Berlinck (2003) mostraram a variação no complemento verbal preposicionado do PB, percebendo na análise de textos do século XIX do *corpus* do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, que já havia, nesta época, a restrição de uso da preposição *a*, mostrando que a variação entre preposições não é um fenômeno recente e esse processo de variação vem se intensificando com o acentuado uso das preposições *para* e *em*.

Vallo (2003), com dados do VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba) e baseando-se nos trabalhos de Mollica (1996) e Ribeiro (1996), analisa a variação preposicional em relação ao verbo *ir* de movimento na língua falada de João Pessoa, tendo como resultados gerais das 610 ocorrências analisadas: 13% de casos de *a*, 72% de casos de *para* e 15% de casos de *em*.

Kewitz (2004) analisa as propriedades sintáticas de *a* e *para* em *corpus* escrito do século XIX e escrito e falado do século XX, faz um breve tratamento da questão da variação entre essas preposições, mostrando que a preposição *a* é mais produtiva que *para* nos registros de língua escrita, já que esta tende a reter a mudança, contrariamente ao que ocorre em registros de língua falada, em que predomina a preposição *para*.

Wiedemer (2008), com dados do VARSUL, baseando-se, por sua vez, nos trabalhos de Mollica (1996), Ribeiro (1996) e Vallo (2003), analisa a regência variável do verbo *ir* de movimento em três cidades de Santa Catarina: Florianópolis, Chapecó e Blumenau. Os resultados gerais mostram que, de um total de 957 ocorrências, obteve 15% de uso da preposição *a*, 45 % de *para* e 40% de *em*.

Bueno (2008) descreve a variação das preposições *a*, *até*, *em* e *para* em complementos de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência* (material e verbal/perceptual) em textos publicitários e em notas sociais publicados nos jornais da Imprensa Negra paulista, durante as três primeiras décadas do século XX. A autora observou que, apesar da prevalência da preposição *a* com percentual de 76%, há também, o uso das outras preposições, comprovando, apesar de ainda pequena - 17% referente aos casos da preposição *para* e 7% da preposição *em* -, a alternância entre estas variantes, o que mostra de certa forma um distanciamento da norma estabelecida, com indícios de variação, porém, ainda em confronto com a norma vigente na época.

Vieira (2009) destaca que no português brasileiro, assim como em Moçambique e Angola, constata-se a alternância de preposições que regem verbos de movimento e busca discutir o processo de mudança que envolve as preposições direcionais junto aos verbos *chegar*, *ir*, *vir* e *levar*. A autora afirma que a escolha do falante por uma ou outra preposição está relacionada tanto a traços semânticos do locativo e do verbo quanto da preposição. Em relação aos resultados encontrados, foi possível verificar que os verbos *levar*, *vir* e *chegar* apresentam pouca variação em sua regência: os dois primeiros, em geral, são regidos por *a/para* e o terceiro, regido pela preposição *em*. O verbo *ir* apresentou significativa variação, sendo a regência com *a/para* a variante preferida na amostra analisada.

Assis (2011) analisa a regência variável de verbos de movimento tanto da zona rural quanto da sede nos municípios de Poções e Santo Antônio de Jesus. O estudo aponta que a escolha da preposição está condicionada por fatores linguísticos (como o tipo de verbo, a noção de ponto final do deslocamento, presença ou não de artigo) e também por fatores sociais. Entre esses, destacam-se: o grau de escolarização (falantes com mais estudo tendem a empregar formas mais próximas da norma padrão, como *a* e *para*), a experiência de mobilidade social e geográfica (contato com outras variedades de português influencia o uso) e o sexo/gênero dos informantes (com pequenas diferenças de preferência). O resultado central é que o uso das preposições não segue rigidamente a norma prescrita pelas gramáticas, mas obedece a regras de variação sistemática que revelam a vitalidade e a legitimidade do português popular baiano.

Jesus (2011) na análise da regência variável do verbo *ir* de movimento constata que os falantes de comunidades rurais do semiárido baiano não usam a preposição *a*, o que, certamente, indica uma mudança em curso. A variante *para* obteve um índice percentual de 71% e a variante *em* obteve um índice de 29%, mostrando que esses falantes preferem o uso da forma padrão. O Goldvarb 2001 indicou para a variação da regência do verbo *ir* de movimento os seguintes fatores por ordem de relevância: *Grau de definitude do nome locativo, permanência no local, pessoa do discurso, comunidade, tempo verbal, sexo/gênero, escolaridade, (in)determinação do sujeito e narratividade do discurso*.

Wiedemer (2013) investiga a variação e mudança no uso das preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento (*ir*, *chegar*, *entrar*, etc.), comparando dados do português escrito do século XIX com o falado no século XXI na região noroeste de São Paulo. Os resultados revelam que, do ponto de vista linguístico, a escolha da preposição depende da semântica do verbo da noção de direção ou ponto final do deslocamento e da presença de determinantes no sintagma nominal. Do ponto de vista social, os dados indicam que falantes mais escolarizados e expostos a situações formais tendem a conservar o uso da preposição *a*, embora esteja em processo de desuso, enquanto falantes com menor escolarização privilegiam *em* e *para*, formas mais produtivas e em expansão. Assim, o autor evidencia um quadro de mudança linguística em curso, marcado pela gramaticalização e pela reconfiguração do sistema prepositivo no português brasileiro, em que *em* e *para* ganham espaço e se especializam em novos contextos, enquanto *a* se restringe progressivamente.

Duarte (2014) estuda a variação de preposições com verbos de movimento em textos do jornal Diário Popular da cidade de Pelotas – RS, bem como as possíveis motivações semânticas para tais escolhas. A autora também buscou constatar se há diferenças nas escolhas das preposições na versão online e na versão impressa desse jornal e percebeu que ambas as versões apresentam uma maior aproximação ao padrão culto da língua.

Pinheiro (2014) estuda a regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE, utilizando o *corpus* PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), constituído de 20 entrevistas de falantes que possuem nível superior e naturais da referida cidade. Do total geral, a preposição *para* teve maior frequência de uso com 62% dos casos, seguida de *em*, *a* e *até* com 16%, 15% e 7%, respectivamente. A autora constata que a

preposição *para* é favorecida pelo fator [+permanência]. Os verbos no pretérito e o fator [-permanência] condicionam o uso de *a*. A forma não-padrão *em* tem uma maior frequência de uso com o fator [-permanência] e a idade (falantes de 25 a 40 anos), indicando uma possível mudança em tempo aparente.

Citeli (2017) estudou dados de fala que compõem a amostra PortVix – o português falado na cidade de Vitória – ES, e seus resultados mostraram que a preposição *para* é a mais utilizada como regente do verbo de movimento *ir*, apresentando 51,4% de uso, seguida das preposições *em* e *a*, com 40,9% e 7,6%, respectivamente. Nesse estudo, as variáveis linguísticas selecionadas como estatisticamente relevantes foram Grau de Definitude – os locativos tidos como de “maior conhecimento do falante e/ou ouvinte” favorecem o uso de *em*, enquanto os locativos mais “vagos” inibem seu uso, Configuração do Espaço – a preposição *em* foi favorecida em locativos com o traço [+fechado], enquanto o uso da preposição *para* foi favorecido com o traço [-fechado] e Narratividade do Discurso – a preposição *em* ocorreu com maior frequência em contextos mais narrativos.

As variáveis Escolaridade e Faixa Etária se mostraram relevantes nessa pesquisa e indicaram que indivíduos mais novos e menos escolarizados preferem a preposição *em* como regente do verbo *ir* de movimento, enquanto os indivíduos mais velhos e com maior nível de escolaridade utilizam a forma não padrão com menos frequência.

Batista e Lopes (2020) apresentam resultados preliminares de uma dissertação de mestrado em andamento, a qual estuda a variação na escolha das preposições que regem o verbo *ir* de movimento na fala popular de Salvador, com dados que compõem o Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), com falantes de escolaridade Fundamental e Média, gravadas entre 1999 e 2000. Até o momento, dos 219 dados coletados de 16 entrevistas, as autoras observaram que a preposição *para* é a mais utilizada com frequência de 82,9%, seguida de *em* com 11,87% e *a* com 5,94%. A variável extralinguística selecionada revela que quanto maior o nível de escolaridade o falante tende a usar menos a preposição *em* e mais a preposição *para*. Essa variante apresentou um percentual de uso de 82,1% para o Nível Fundamental e 95,2% para o Médio.

Rodrigues e Freitag (2021) investigaram a variação na regência de complementos locativos de verbos de movimento na fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A análise, baseada em 1.041, ocorrências revelou que 71% dos casos utilizam a preposição *para*, 24% utilizam *em* e apenas 5% utilizam *a*. A partir de métodos estatísticos e de árvores de inferência condicional, mostrou-se que *para* e *em* cumprem funções semânticas distintas, atuando como estratégias de desambiguação quanto à noção de permanência no local de destino. Além disso, notou-se variação dialetal: estudantes do interior, que se deslocam diariamente entre suas casas e a universidade, empregam *em* com maior frequência (26%), enquanto os estudantes da capital e de outras regiões, como Alagoas, apresentam frequências menores; os baianos, por sua vez, destacam-se com 35% de uso de *em*, indicando que fatores regionais exercem influência significativa na dinâmica dessa mudança linguística.

Os estudos de Mollica (1996) e Ribeiro (1996) inauguram a análise variacionista da regência do verbo *ir* no português brasileiro. Mollica (1996), utilizando amostras do *Corpus Censo*, propõe um modelo explicativo que integra fatores semânticos, como configuração do espaço, definitude do locativo e traço de permanência e fatores sociais como escolarização, sexo e idade, além de estabelecer uma hierarquia entre as variantes padrão (*a* > *para*) e a forma não padrão (*em*). Ribeiro (1996), ao analisar dados do Projeto NURC-RJ, confirma empiricamente essa distribuição, evidenciando a predominância das formas padrão, sem excluir a presença significativa de *em*.

A perspectiva diacrônica, explorada por Guedes e Berlinck (2003) e Kewitz (2004), demonstra que a variação observada na sincronia atual se ancora em processos históricos de

longa duração. Esses estudos evidenciam que o desuso de *a* e a expansão de *para* e *em* se intensificam a partir do século XIX, associadas à normatização linguística e à especialização funcional das preposições, sobretudo no contraste entre língua escrita e falada.

Estudos sincrônicos posteriores convergem ao apontar a predominância de *para* como variante mais produtiva na língua falada, seguida de *em*, enquanto *a* apresenta desuso significativo em diversas comunidades. A escolha preposicional mostra-se sensível a fatores como definitude e configuração do espaço, escolaridade, faixa etária e região. No entanto, há divergências quanto ao peso de determinados fatores semânticos, como o traço de permanência, e evidências de que preferências individuais do falante também desempenham papel relevante.

Diversos trabalhos indicam que a mudança em curso é socialmente estratificada. Estudos em variedades populares e rurais (Jesus, 2011; Assis, 2011) revelam cenários de quase desaparecimento da preposição *a*, enquanto pesquisas com dados escritos ou de norma culta (Bueno, 2008; Duarte, 2014; Almeida, 2015) apontam maior resistência à mudança.

Os estudos (socio)linguísticos que investigam a variação preposicional no português brasileiro oferecem contribuições fundamentais para a análise do verbo *ir* de movimento em dados do Projeto NURC. Em primeiro lugar, essas pesquisas consolidam a regência desse verbo como um fenômeno variável e sistemático, afastando interpretações que o reduzem a desvios individuais ou a usos marginais. Ao documentarem a alternância entre as preposições *a*, *para* e *em*, trabalhos como os de Mollica (1996a, 1996b), Ribeiro (1996), Vallo (2003), Wiedemer (2008) e Jesus (2011) fornecem evidências empíricas de que tal variação se manifesta de forma recorrente no português brasileiro, inclusive em contextos monitorados.

Além disso, ao apontarem para uma tendência de desuso da preposição *a* e de expansão das preposições *para* e *em*, esses estudos delineiam um quadro de mudança linguística em curso, que serve de base interpretativa para a análise dos dados do NURC, permitindo verificar se a norma urbana culta acompanha, resiste ou reconfigura essas tendências. Do ponto de vista metodológico, a literatura também contribui ao identificar fatores linguísticos e semânticos relevantes para a escolha preposicional, orientando a seleção e a codificação das variáveis analisadas estatisticamente. Nesse sentido, a investigação do verbo *ir* em *corpora* do Projeto NURC, especialmente em uma perspectiva comparativa entre diferentes décadas, dialoga diretamente com esses trabalhos e amplia suas contribuições ao focalizar a norma urbana culta como espaço de variação e de mudança.

### 3 Metodologia

Toma-se como base metodológica a Sociolinguística Quantitativa, conhecida, ainda, como Teoria da Variação, como proposta por Labov (2008[1972]). Essa teoria trabalha com dados reais, visando à informação estatisticamente válida desses dados. Além disso, é através do método da Teoria da Variação, que trabalha com a heterogeneidade linguística, que se pode chegar a estabelecer a influência que fatores linguísticos e extralinguísticos têm sobre determinada variável.

Os *corpora* linguísticos a serem observados fazem parte do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), das cidades de Salvador e Rio de Janeiro e são do tipo diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2), gravados nas décadas de 70 e 90 do século XX. O número de informantes que compõe essa amostragem é de 74 falantes.

Os informantes do Projeto NURC são de ambos os sexos, distribuídos por três diferentes faixas etárias – de 25 a 35 anos (faixa 1), de 36 a 55 anos (faixa 2) e de 56 anos em diante (faixa 3) – e preenchem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade, ou seja, esses informantes podem ter nascido em outra

cidade/região mas terem residido na cidade em questão desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí terem cursado o ensino fundamental e médio; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferencialmente nascidos na cidade em exame.

Para a análise, considerar-se-á como variáveis extralinguísticas:

- i. *sexo/gênero* (masculino e feminino);
- ii. *faixa etária*;
- iii. *ano: década de 1970 ou 1990*;
- iv. *informante: controle do indivíduo*;
- v. *cidade: Salvador e Rio de Janeiro*.

E, como variáveis linguísticas, inicialmente baseou-se nas variáveis estruturais levantadas por estudos que precedem este.

Os grupos de fatores linguísticos a serem estudados são de natureza morfossintática e semântico-pragmática e envolvem três categorias:

### 3.1 O locativo:

- i. *configuração do N locativo* – [lugar/objeto]; [lugar/instituição]; [lugar/instituição personificada]; [lugar/evento]; [lugar/ espaço sócio-geográfico];
- ii. *demarcação do espaço* - [+fechado]; [-fechado];
- iii. *grau de definitude*:  
*Maior grau de definitude* - [+determinante] e [+definido];  
*Grau de definitude média* - [+determinante] e [-definido] / [-determinante] e [+definido];  
*Menor grau de definitude* [-determinante] e [-definido];
- iv. *permanência no local* – [+permanência] e [-permanência];
- v. *caracterização do destino* – [+direção] e [-direção].

### 3.2 O sujeito:

- i. *pessoa do discurso* – P1 =(eu), P2 = (tu, você, vocês), P3 (=ele(s), ela(s), SN singular e plural), P4 (=nós, a gente), P5 (=sujeito indeterminado)<sup>3</sup>;
- ii. *forma do sintagma nominal (SN)* – pronome, SN pleno, zero;
- iii. *(in)determinação do sujeito* – [+determinado] e [-determinado].

### 3.3 O verbo:

- i. *tempo verbal* – presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro, infinitivo pessoal, assim como outros tempos verbais, com verbo no infinitivo, bem como formas nominais do verbo que não constituem locução verbal;
- ii. *aspecto*: frequência - semelfactivo (ocorrência singular) e iterativo (ocorrência múltipla, habitual ou reiterada); perfectivo / imperfectivo.

Além destes, também testamos o fator discursivo:

- i. *finalidade* – [+finalidade] e [-finalidade].

<sup>3</sup> A classificação *Pessoa do discurso*, nesse estudo, não segue os critérios prescritos pela gramática normativa.

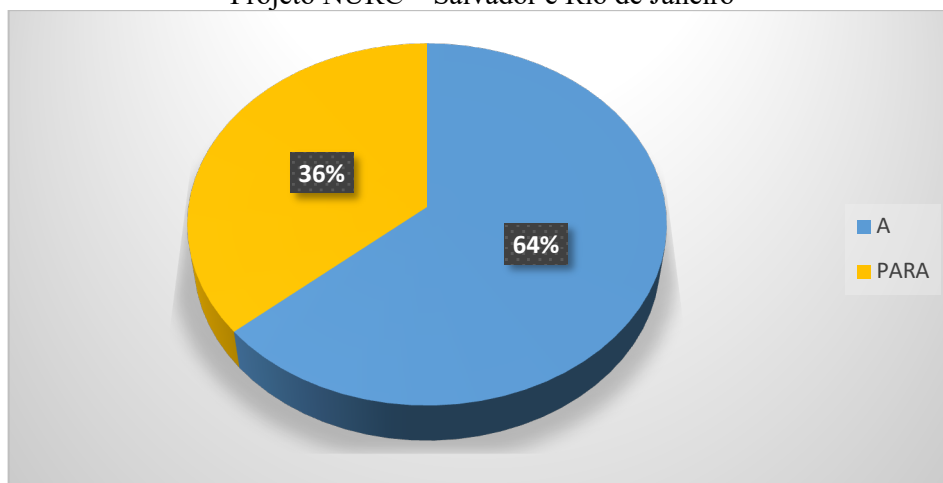
Para a codificação e quantificação dos dados, utilizou-se o pacote de programas matemático-estatístico Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte; Smith, 2005), série de programas estatísticos para a análise de fenômenos variáveis, que calcula as probabilidades dos fatores de cada variável e apresenta uma estatística dessas ocorrências.

Nos estudos variacionistas não é possível determinar categoricamente que um fator específico é o responsável pela distribuição das variantes. Assim, a análise estatística procura revelar os efeitos probabilísticos dos fatores sociais, contextuais e linguísticos na distribuição das variantes.

#### 4 Análise dos Resultados

Para a análise quantitativa dos dados, procedeu-se à rodada, com a variável dependente estruturada em termos binários, considerando as ocorrências com *a* e *para*. A base de dados foi de 603 ocorrências, sendo 384 da preposição *a*, o que corresponde a 63,7 % do total e 219 da preposição *para*, o que corresponde a 36,3 % do total. Segue a representação gráfica dos resultados:

Figura 1: Percentual de ocorrências das variantes *a* e *para* junto ao verbo *ir* de movimento Projeto NURC – Salvador e Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, a partir da Figura 1, que a variante *a* possui uma alta frequência de uso, na fala de indivíduos escolarizados, de nível universitário, seguida da variante *para*, também prescrita pela tradição gramatical e não-estigmatizada. O uso de *em* com o verbo *ir* de movimento parece ser condenado, mesmo em situações informais de fala.

Dessa forma, a análise quantitativa objetivou revelar quais os condicionamentos interferiam na escolha dos falantes sobre essas duas preposições. No plano do encaixamento na estrutura linguística, o GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes, nesta ordem, as seguintes variáveis: *Permanência no local*, *Configuração do nome locativo*, *Configuração do espaço*, *Pessoa do discurso* e *Faixa etária*.

##### 4.1 A variável *Permanência no local*

De acordo com a Tabela 1, a seguir, a variável *Permanência no local* mostra que a preposição *a* é empregada quando a ida é para certo fim, voltando-se depois, caracterizada pelo traço [-permanência], com peso relativo de 0,60, e *para* é empregada quando há ideia de maior permanência no local, apresentando o traço de [+ permanência].

Tabela 1: Variante *a* com relação ao fator *Permanência no local*

	<b>Apl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
[+permanência]	147/261	56,3	0,35
[-permanência]	237/342	69,3	<b>0,60</b>
<b>TOTAL</b>	384/603	63,7	-
Significância: 0,017      Input: 0,653			

Fonte: Elaboração própria.

Os dados mostram que, para este fator, os falantes escolarizados seguem o prescrito pela tradição gramatical. Seguem exemplos dos *corpora* analisados, o primeiro com a preposição *para* indicando uma maior permanência no local e, em seguida, com a preposição *a* denotando uma menor permanência:

- (01) Então, é um trecho monótono. Você cansa muito esse trecho de viagem. E depois *vou pra Belo Horizonte* que é uma cidade que eu também não gosto... E nós estamos na obrigação de ir pra lá manter certos contatos e providenciar certas coisas já e inclusive o lançamento do congresso. (I 98/116 – 2m, SSA)<sup>4</sup>
- (02) Meu marido detesta cozinha. Não *vai à cozinha* de jeito nenhum. Ele é muito machão. (I 204/266 – 1f, SSA)

Mollica (1996) contrasta *a* e *para* e os dados revelam que ao traço de [+permanência] associa-se a preposição *para* com peso relativo de 0,73 e ao traço de [-permanência] associa-se a preposição *a* com peso de 0,72.

O fator [ $\pm$ permanência] em Vieira (2009) revelou-se fortemente condicionador da regência do verbo *ir* com as preposições *a/para* com peso relativo de 0,84, já a ausência da ideia de permanência tende a inibir a escolha dessas formas com peso de 0,33.

Em Assis (2011), a *natureza do deslocamento* mostrou que o traço de [-permanência] favorece a preposição *em*, com peso relativo de 0,61. Entretanto, quando o deslocamento tem o traço de [+permanência], é a preposição *para* que é favorecida, com peso relativo de 0,84. Assim, confirmando-se a hipótese de que a preposição *em* se comportaria como a preposição *a*, ligando-se ao traço de [-permanência], e a preposição *para* confirmou a sua relação com o traço de [+permanência].

Em Rodrigues e Freitag (2021), os dados mostraram que as preposições *em* e *a* são mais frequentes em contextos que indicam menor permanência e a preposição *para* é a forma mais utilizada em contextos com maior permanência. Esse resultado, para as autoras, ratifica a hipótese de que *em* é uma provável substituta de *a* na regência de verbos de movimento no português brasileiro.

<sup>4</sup> As letras e números dentro dos parênteses formam um código de identificação dos informantes.

#### 4.2 A variável *Configuração do nome locativo*

Com relação ao fator *Configuração do nome locativo*, podemos afirmar, de acordo com os dados da Tabela 2, que o contexto preferencial da preposição *a*, ou seja, o contexto que, de fato, particulariza seu uso é a fator [lugar/evento], cujo peso relativo é de 0,87, como em:

- (03) Estavam mais outros dois professores da faculdade que *nós fomos a um congresso* e estavam mais adiante e eu estava mostrando a ela e então eu despachei o rapaz assim: não, muito obrigado e coisa. (I 273 – 2f, RJ)

Tabela 2: Variante *a* com relação ao fator *Configuração do nome locativo*

	<b>Apl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
[lugar/objeto]	148/240	61,7	0,42
[lugar/instituição]	172/263	65,4	0,54
[lugar/instituição personificada]	5/12	41,7	0,52
[lugar/evento]	31/35	88,6	<b>0,87</b>
[lugar/espço sócio geográfico]	28/53	52,8	0,31
<b>TOTAL</b>	384/603	63,7	-
Significância: 0,017		Input: 0,653	

Fonte: Elaboração própria.

Por outro lado, o fator inibidor de seu uso é [lugar/espço sócio geográfico], com peso relativo de 0,31:

- (04) Eu raramente agora faço compras na cidade. Porque *a gente vai à cidade* não tem onde estacionar... (I 150/186 – 2f, SSA)

Ademais, os fatores [lugar/instituição], com peso relativo de 0,54, e [lugar/instituição personificada], com peso relativo de 0,52, também favorecem o uso de *a*, embora não se distanciem muito do ponto neutro.

- (05) Quando a gente *vai a Friburgo, vai a Petrópolis*, a gente vê aqueles estilos de casas suíças, coloniais, etc. (I 48 – 1m, RJ)

- (06) Nunca *fui com elas ao cabeleireiro ou à manicure* ou qualquer coisa semelhante. (I 96r – 2m, RJ)

Em Wiedemer (2008) essa variável foi selecionada como estatisticamente relevante e apresentou os seguintes resultados: a preposição *a* é favorecida com [lugar/instituição personificada], com peso relativo de 0,70, [lugar/espço geográfico], com peso de 0,69, e [lugar/evento], com peso de 0,65. A preposição *para* é favorecida com [lugar/espço geográfico], com peso de 0,54, e [lugar/instituição], com peso de 0,56. Os contextos [lugar/instituição personificada], [lugar/objeto] e [lugar/instituição] favorecem o uso de *em* com pesos de 0,56, 0,57 e 0,59, respectivamente.

O autor observa que o contexto que está se delineando como particular da preposição *a* é [lugar/evento], como podemos observar no presente estudo; o contexto que está despontando como característico para a preposição *em* é [lugar/objeto] e a preposição *para* não apresenta nenhum contexto particularizado de uso.

### 4.3 A variável *Configuração do espaço*

Em relação ao fator *Configuração do espaço*, vemos que o traço [+fechado] favorece o uso de *a*, com peso relativo de 0,53, enquanto o traço [-fechado] o desfavorece, com peso relativo de 0,29.

(07) Isso, eu mesma faço todas as minhas compras e gosto de *ir à loja* para fazer compras. (I 273 – 2f, RJ)

(08) Nós vamos sair, então nós vamos pegá-la e *ir pra algum lugar*, aí ela, invariavelmente, reclama da escolha que a mãe fez. (I 96r – 2m, RJ)

Tabela 3: Variante *a* com relação ao fator *Configuração do espaço*

	<b>Apl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
[+fechado]	337/521	64,7	<b>0,53</b>
[-fechado]	47/82	57,3	0,29
<b>TOTAL</b>	384/603	63,7	-
Significância: 0,017		Input: 0,653	

Fonte: Elaboração própria.

Em outros estudos, como os de Mollica (1996a), Ribeiro (1996) e Vallo (2003), em que foi realizada a oposição *a/para* versus *em*, os resultados mostraram-se diferentes.

Em Mollica (1996), o traço [-fechado] favorece o uso de *a/para*, apresentando peso relativo de 0,57, enquanto que o traço [+fechado] favorece o uso de *em*, com peso de 0,58. Em Ribeiro (1996; 2008), as preposições *a/para* são favorecidas quando se trata de ambiente [-fechado], com peso de 0,57, e *em* quando se trata de ambiente [+fechado], com peso de 0,60. Já em Vallo (2003), o traço [+fechado] beneficia o uso de *em*, com índice de 0,68, e o traço [-fechado] beneficia o uso de *a/para*, com índice de 0,60.

Guedes e Berlinck (2003), no *corpus* diacrônico do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (século XIX), mostraram que há uma tendência de uso clara a preferir a preposição *em* com N (fechado). Elas acreditam que esse traço sempre tenha atuado na alternância entre *a* e *em*, dado o sentido que estas possuíam em latim: *ad* + acusativo = movimento em direção a; *in* + acusativo = movimento em direção a, com entrada em um espaço; *in* + ablativo = localização.

Já em Wiedemer (2008), em que foi feita a análise das preposições *a/para/em* separadamente, *a* e *em* são igualmente favorecidas pelo traço [+fechado], apresentando índice de 0,57 e 0,55, respectivamente, opondo-se a *para*, que, por sua vez, é favorecida pelo traço [-fechado], com índice de 0,62.

O estudo de Vieira (2009) revelou que quando o locativo referir-se a um lugar aberto, sem limites físicos, ou quando referir-se a um locativo abstrato, a preposição que mais frequentemente rege o verbo *ir* é a preposição *para*, com peso de 0,55. Em oposição, um locativo que tenha como referente um lugar fechado, com limites físicos, tende a inibir a emergência das variantes *a/para*, com peso de 0,41.

Em Rodrigues e Freitag (2021) a preposição *em* tem maior incidência com locativos de traço [+fechado] e a preposição *para* com locativos de traço [-fechado].

### 4.4 A variável *Pessoa do discurso*

Quanto ao fator *Pessoa do discurso*, vemos que os traços P1 (*eu*) e P2 (*tu, você, vocês*), com peso relativo de 0,55 e 0,66, respectivamente, favorecem o uso da variante *a*:

(09) É, mas outro dia eu fiz uma viagem... *eu fui a Mar Grande*, de manhã... Fui até de *ferryboat*, mas levei um chofer. (I 98/115 – 2m, SSA)

(10) *Você pode ir à praia*. Você pode andar na praia. Você tem supermercados, tem lanchonetes, tem bancos, tem tudo, né, então, eu acho que... é muito bom, né? (I 71r – 3m, RJ)

(11) Agora, eu... eu, quando fui a... ao Rio Grande do Sul, a Porto Alegre... a... a estrada é péssima, não sei se *vocês já foram de Caxias a Porto Alegre*. (I 98/115 – 2m, SSA)

Tabela 4: Variante *a* com relação ao fator *Pessoa do discurso*

	<b>Apl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
P1	187/267	70,0	<b>0,55</b>
P2	31/42	73,8	<b>0,66</b>
P3	86/163	52,8	0,39
P4	64/100	64,0	0,49
P5	16/31	51,6	0,35
<b>TOTAL</b>	384/603	63,7	-
Significância: 0,017		Input: 0,653	

Fonte: Elaboração própria.

Em Wiedemer (2008), o sujeito *a gente/eu/nós* também influencia o uso de *a* com um peso relativo de 0,57, mas o P2 favorece a variante *em*, com peso relativo de 0,59, e o P3 favorece *para*, com peso relativo de com 0,65. Já em Wiedemer (2013), essa variável mostrou uma associação oscilante na seleção das preposições: *a* aparece mais associada à P1, *para* flutua entre *a gente*, P1 e P3, e *em*, entre P1 e P2, não sendo possível, nesse caso, identificar um padrão de uso.

#### 4.5 A variável *Faixa etária*

O último fator selecionado, a faixa etária, inclui, em sua complexidade, a possibilidade de caracterização de uma variação estável e/ou mudança em curso incipiente ou mesmo completa de determinado fenômeno. Os resultados dessa variável são apresentados na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Variante *a* com relação ao fator *Faixa etária*

	<b>Apl./ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Faixa 1	48/94	51,1	0,35
Faixa 2	185/279	66,3	<b>0,53</b>
Faixa 3	151/230	65,7	<b>0,52</b>
<b>TOTAL</b>	384/603	63,7	-
Significância: 0,017		Input: 0,653	

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados mostram que a variante padrão *a* predomina nas faixas 2 e 3, enquanto a preposição *para* é mais usada pelos falantes mais jovens, o que nos revela indícios de que, além do nível de escolarização dos informantes do NURC, o emprego da forma mais padrão é maior entre aqueles falantes com idade de maior inserção no mercado de trabalho.

Os resultados apontados por Mollica (1996) indicam uma tendência de mudança para norma urbana semiculta, no que tange à implementação do *em* pelos mais jovens. Os resultados dos pesos relativos para o uso das preposições padrão, *a* e *para*, são: os mais jovens com 0,32; meia idade com 0,56; os mais velhos com 0,62. Tais dados fornecem subsídios para uma afirmação que a preposição *em* é mais usada pelos mais jovens nessa variedade do português brasileiro.

Em relação às variáveis sociais, Ribeiro (1996) mostra que, entre os mais jovens, tanto homens quanto mulheres, de 25 a 35 anos, não há diferença considerável entre os pesos relativos do uso da variante *em* (0,61 e 0,56, respectivamente); já entre 36 e 55 anos, as mulheres aderem francamente às variantes de prestígio (0,37 para a variante não-padrão), deixando os homens próximos à situação anterior (0,53). Esse fato é explicado pelo autor com base em pressões do mercado de trabalho, próprios dessa faixa etária. Por fim, na faixa acima dos 56 anos, enquanto os homens caminham em direção às formas padronizadas, apresentando peso de 0,46 para *em*, as mulheres voltam-se, preferencialmente, para o uso da variante estigmatizada (0,67), revertendo o sentido do movimento iniciado na faixa média de idade.

Em Wiedemer (2008) a atuação da idade não se mostrou relevante para *em*. O uso da preposição *a* situa-se entre os mais velhos, com peso relativo de 0,62 e a preposição *para* mostra uma leve inclinação a ser usada pelos informantes da faixa etária de 25 a 49 anos, com índice de 0,55.

## 5 Considerações finais

Esta pesquisa se voltou para o estudo da regência variável do verbo *ir* de movimento acompanhado pelas preposições *a* e *para* em *corpora* pertencentes ao Projeto Norma Urbana Culta – em duas décadas, 1970 e 1990 – das cidades de Salvador e Rio de Janeiro. Para isso, utilizamos 74 entrevistas – tipo DID e D2 – com o objetivo de analisar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a variação dessas preposições.

Com base no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, procedemos à análise quantitativa dos dados por meio do programa GoldVarb X. Estruturamos a variável dependente em termos binários, considerando apenas as ocorrências com *a* e *para* junto ao verbo *ir* de movimento, contexto que se revelou como o *locus* da variação. A base de dados foi de 603 ocorrências, sendo 384 da preposição *a*, o que correspondeu a 63,7 % do total e 219 da preposição *para*, o que correspondeu a 36,3 % do total.

Na análise quantitativa do encaixamento estrutural da variação entre *a* e *para* junto ao verbo *ir* de movimento, o programa GoldVarb X selecionou como estatisticamente relevantes, nesta ordem, as variáveis: *Permanência no local*, *Configuração do nome locativo*, *Configuração do espaço*, *Pessoa do discurso* e *Faixa etária*.

Os resultados para a variável *Permanência no local* comprovam o que se prescreve na gramática normativa, pois a preposição *a* é empregada quando a ida é para certa finalidade, voltando-se depois. Essa preposição é caracterizada pelo traço [-permanência], com peso

relativo de 0,60; e *para* é empregada quando há ideia de maior permanência no local, apresentando o traço [+permanência].

Com relação à variável *Configuração do nome locativo*, verificamos que o contexto preferencial da preposição *a* é o traço [lugar/evento], com peso relativo de 0,87. Em relação à variável *Configuração do espaço*, vimos que o traço [+fechado] favorece o uso de *a*, com peso relativo de 0,53, enquanto o traço [-fechado] o inibe, com peso relativo de 0,29.

Quanto à variável *Pessoa do discurso*, vimos que os traços P1 (*eu*) e P2 (*tu, você, vocês*), com peso relativo de 0,55 e 0,66, respectivamente, favorecem o uso da variante *a*.

Os resultados para a variável social selecionada, *Faixa Etária*, mostram que a variante padrão *a* predomina nas faixas 2 e 3, o que se justifica pelo nível de escolaridade dos falantes e pela sua inserção no mercado de trabalho.

Um dos principais aportes deste estudo reside no foco exclusivo na norma urbana culta e na comparação entre duas décadas distintas, o que permite observar relativa estabilidade da variante *a* nesse segmento da comunidade de fala. Esse dado sugere que a mudança amplamente documentada em variedades populares avança de forma mais lenta e controlada na fala culta, possivelmente em função do valor de prestígio associado à preposição *a* e do maior grau de monitoramento linguístico.

No plano linguístico, os resultados confirmam achados recorrentes da literatura. O traço semântico de permanência mostrou-se o condicionador mais relevante da variação, com *a* associando-se a contextos de [-permanência] e *para* a situações de [+permanência]. A configuração do nome locativo indicou que o traço [lugar/evento] favorece fortemente o uso de *a*, sugerindo uma especialização funcional dessa preposição em contextos mais abstratos ou episódicos. A configuração do espaço também se revelou significativa, com o traço [+fechado] favorecendo a variante mais conservadora.

No plano social, a variável faixa etária indicou maior uso de *a* entre falantes mais velhos e maior propensão ao uso de *para* entre os mais jovens, o que aponta indícios de mudança em curso em tempo aparente, ainda que atenuada pela escolarização dos informantes do NURC.

Ao restringir a análise à oposição entre *a* e *para*, o estudo redefine o *locus* da variação na norma culta, deslocando-o do contraste entre padrão e não padrão para uma alternância interna ao próprio sistema normativo. Em síntese, os resultados confirmam tendências amplamente descritas na literatura, mas avançam ao demonstrar como elas se manifestam de forma específica na norma urbana culta, contribuindo para uma compreensão mais refinada dos processos de variação e mudança no português brasileiro.

## Referências

- ASSIS, T. S. **A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia**. 2011. 134f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- BATISTA, M. P.; LOPES, N. S. A variação na regência do verbo *ir* (de movimento) em Salvador. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: ano 26, n. 76, p. 150-159, jan./abr. 2020.
- BUENO, L. C. de O. Variação de preposições na Imprensa Negra paulista: uma análise de fatores semânticos. **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**, Montevideu: Uruguai, 2008.
- CITELI, B. G. **A regência variável do verbo de movimento *ir* na cidade de Vitória – ES**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Pós-Graduação *stricto sensu* Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais. UFES, Vitória, 2017.

DUARTE, G. B. **Análise do uso de preposições com verbos de movimento na escrita de um jornal de Pelotas (RS)**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos, Pelotas, 2014.

FREITAG, R. M. K. Como fala, lê e escreve o universitário. **Projeto A língua do universitário: fala, leitura e escrita para o letramento acadêmico**. Itabaiana: UFS, 2018.

Gomes, Christina Abreu. Variação e Mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In: Paiva, Maria da Conceição; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003. p. 81-96.

GUEDES, M.; BERLINCK, R. A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. **Estudos Linguísticos**, v. 32, Taubaté, 2003.

Jesus, Hilmar Moura. **A regência variável do verbo *ir* de movimento em comunidades rurais do semiárido baiano**. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

KEWITZ, V. Para a gramaticalização das preposições *a* e *para* no Português Brasileiro. Texto apresentado no VI Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro. Ilha de Itaparica – BA – Brasil; 29 de agosto a 02 de setembro de 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola. Tradução: Marcos Bagno, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C. A regência variável no verbo *ir* de movimento. In: Silva, Giselle Machline O.; Scherre, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996a. p. 147-167.

MOLLICA, M. C. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. In: Silva, Giselle Machline O.; Scherre, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996b. p. 283-293.

PINHEIRO, R. C. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE: relação entre ensino e pesquisa. **Linha D'Água** [S.l.], V. 27, n. 1, p. 57-72, jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807>. Acesso em: 23 de novembro de 2024.

RIBEIRO, A. J. C. **Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo *Ir* de predicação incompleta**. 1996. 92f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

RODRIGUES, F. G. C.; FREITAG, R. M. K; Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento. **Estudos da Língua(gem)**, v. 19, n. 4, Vitória da Conquista, p. 133-156, dez. 2021.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X** – a multivariate analysis application. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

VALLO, M. A. G. **A regência variável do verbo *IR* de movimento na fala pessoense**. 2003. 86f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

VIEIRA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. **Signum**: Estudos da Linguagem. Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, jul. 2009.

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WIEDEMER, M. L. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. 2013. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.